

The background is a deep teal color with intricate white line-art illustrations of vines, leaves, and birds. The central text is contained within a white, ornate, scalloped-edged frame.

Kahlil Gibran

O  
**PROFETA**

• Uma obra-prima universalmente inspiradora •

TRADUÇÃO DE  
José Luís Nunes Martins

 nascente

# Índice



Nota do Tradutor.....	7
A Chegada do Navio.....	9
Amor.....	17
Casamento .....	21
Filhos .....	25
Dar.....	29
Comer e Beber.....	35
Trabalho .....	39
Alegria e Tristeza.....	45
Casas.....	49
Roupas.....	53
Comprar e Vender .....	57
Crime e Castigo.....	61
Leis .....	67
Liberdade.....	71
Razão e Paixão.....	75
Dor .....	79

Autoconhecimento .....	83
Ensino .....	87
Amizade .....	91
Conversar.....	95
Tempo.....	99
Bem e Mal.....	103
Oração .....	107
Prazer.....	111
Beleza.....	117
Religião.....	121
Morte.....	125
A Partida.....	129

# Nota do Tradutor



O *Profeta* é uma das obras mais inspiradoras da literatura espiritual.

Ler e meditar nas palavras d'O *Profeta* é fazer uma viagem à raiz da nossa existência.

A simplicidade de cada texto é o resultado de um génio capaz de revelar todo o essencial sem complicar nada.

Esta tradução pretendeu ser fiel à letra original e ao espírito que a animou.

Ao leitor caberá agora verter estas palavras simples, emoções puras e ideias claras para o seu íntimo, a fim de que elas o iluminem nas escolhas que nos definem tal como somos: as nossas obras.

Agradeço a sua confiança neste livro. Desafio-o a confiar-se a ele.

Obrigado, muito.

*José Luís Nunes Martins*

The image features a large, ornate archway that frames the central text. The arch is supported by two classical columns on either side. The entire scene is rendered in a light gray line-art style against a plain white background. The arch's interior is filled with a dense, repeating pattern of elegant, swirling acanthus leaves and scrolls, reminiscent of Gothic or Art Deco architectural motifs. The columns have a fluted shaft and a decorative capital. The overall composition is symmetrical and highly decorative.

*A Chegada do Navio*

**A**l-Mustafá, o escolhido e o amado, ele que era o amanhecer do seu próprio dia, esperou 12 anos na cidade de Orphalese pelo seu navio, no qual haveria de regressar à ilha onde nascera.

E no décimo segundo ano, no sétimo dia do Ielool — o mês da colheita —, ele subiu à montanha para lá das muralhas da cidade e dirigiu os seus olhos para o mar; e eis que pôde admirar o navio que chegava envolvido em nevoeiro.

Então, os portões do seu coração escancararam-se, e a sua alegria voou para bem longe e sobre o mar. Fechou os olhos e rezou nos silêncios da sua alma.

Depois, e enquanto descia a colina, uma tristeza abateu-se sobre ele, e pensou no seu coração:

Como poderei ir em paz e livre de amargura? Não, não deixarei esta cidade sem uma ferida no meu espírito.

Longos foram os dias de dor que passei dentro destas muralhas, e longas foram as noites de solidão; mas quem pode separar-se da sua dor e da sua solidão sem arrependimento?

Muitas foram as migalhas do espírito que deixei dispersas nestas ruas, e muitos são os filhos da minha saudade que vagueiam despidos por estas colinas. Não posso retirar-me de tudo isto sem um peso e uma dor.

Não é uma roupa que dispo hoje, mas pele que arranco com as minhas próprias mãos.

Nem é um pensamento que deixo para trás, mas um coração que se fez doce através da fome e da sede.

Ainda assim, não me posso demorar.

O mar, que a si chama todas as coisas, chama-me... e eu devo embarcar.

Pois que ficar, apesar das horas que ardem na noite, seria enregelar e cristalizar... ficando confinado a um molde estático.

De boa vontade levaria comigo tudo o que aqui existe. Mas como poderei fazê-lo?

Uma voz não pode carregar a língua e os lábios que lhe dão asas. É sozinha que deve procurar o ar.

E é assim sem mais ninguém e fora do seu ninho que deve voar a águia em frente ao sol.

Quando Al-Mustafá chegou ao sopé da montanha, viu-se de novo para o mar e viu o seu navio aproximar-se do cais, e à proa os marinheiros, homens da sua pátria.

E a sua alma bradou-lhes, e ele disse-lhes:

Filhos da minha velha e respeitada mãe, navegantes das marés,

Quantas vezes navegastes vós nos meus sonhos. E chegais agora no meu despertar, que é o meu mais profundo sonho.

Estou pronto para partir e a minha ânsia com as velas desfraldadas já espera o vento.

Inspirarei apenas uma vez mais este ar sossegado, e lançarei apenas mais um olhar apaixonado para trás,

Depois juntar-me-ei a vós, navegante entre navegantes.

E tu, imenso mar, mãe que não dorme,

Que sozinho és paz e liberdade para o rio e para a água que nele corre,

Apenas mais uma descida sinuosa fará esta corrente, apenas mais um murmúrio nesta clareira,

E irei até ti, uma gota infinita num mar sem fim.

E, enquanto caminhava, viu ao longe homens e mulheres deixando os campos e as vinhas, precipitando-se para os portões da cidade.

E ouviu as suas vozes chamando-o pelo seu nome, e gritando de campo em campo, avisavam-se entre si da chegada no navio.

E disse para si próprio:

Será que o dia da partida é o dia do encontro?

E será dito que este meu anoitecer foi, na verdade, a minha aurora?

E que poderei eu oferecer àquele que deixou o seu arado na terra, ou àquele que abandonou as uvas que estavam no seu lagar?

Deverá o meu coração tornar-se uma árvore carregada de frutos, que eu poderei colher e oferecer-lhes?

E deverão os meus desejos jorrar, como de uma fonte, a fim de lhes encher as suas taças?

Serei eu uma harpa, para que a mão do Todo-poderoso me possa tocar, ou uma flauta para que o seu sopro me acesse?

Eu sou alguém que busca os silêncios, e que tesouro encontrei eu nos silêncios que possa oferecer com toda a confiança?

Se este é o dia da minha colheita, em que campos semeei eu a semente, e em que estações de que não há memória?

Se é verdadeiramente esta a hora em que levanto a minha candeia, não é a minha chama que nela arderá.

Levantarei a minha candeia vazia e escura,

E o guardião da noite vai enchê-la de óleo e acendê-la.

Isto foi o que Al-Mustafá disse por palavras. Mas muito ficou por dizer no seu coração. Pois nem ele próprio conseguia proferir o seu segredo mais profundo.

E, quando entrou na cidade, todo o povo veio ao seu encontro, e imploravam pela sua presença a uma só voz.

E os anciãos da cidade adiantaram-se e disseram:

Não vás ainda de entre nós.

Foste o sol do meio-dia na nossa penumbra, e a tua juventude deu-nos sonhos para sonhar.

Não és um estranho entre nós, nem um convidado, mas nosso filho ternamente amado.

Que os nossos olhos não sintam já a saudade do teu rosto.

E os sacerdotes e sacerdotisas disseram-lhe:

Não permitas que as ondas do mar nos separem neste momento, nem que os anos que passaste no meio de nós se tornem já numa memória.

Caminhaste entre nós como um espírito, e a tua sombra foi uma luz sobre os nossos rostos.

Muitos te amámos! Mas o nosso amor foi silencioso e velado.

Mas neste instante grita com toda a força e revela-se a ti.

E sempre foi verdade que o amor não conhece a sua força antes que chegue a hora da separação.

E chegaram outros que também lhe suplicaram.

Mas a nenhum respondeu. Apenas baixou a cabeça; e os que lhe estavam mais próximos viram lágrimas a cair-lhe sobre o peito.

E ele e o povo dirigiram-se para a grande praça em frente ao templo.

Do santuário saiu uma mulher chamada Al-Mitra, que era profetiza.

E ele olhou-a com uma imensa ternura, pois havia sido ela quem primeiro o procurou e nele acreditou, quando ainda nem um dia tinha ele passado nesta cidade.

E ela saudou-o, dizendo:

Profeta de Deus, em busca do mais profundo, muito procuraste na imensidão pelo teu navio.

E agora que chegou, tens de ir.

Profunda é a dor da tua saudade pela terra das tuas memórias, onde habitam os maiores dos teus desejos; e nem o nosso amor te prenderá, nem as nossas necessidades te amarrarão a nós.

Porém, pedimos que, antes de nos deixares, nos fales e dê a tua verdade.

E nós dá-la-emos aos nossos filhos, e eles aos seus filhos, e ela jamais morrerá.

Da tua solidão observaste os nossos dias, e na tua vigília escutaste o choro e o riso do nosso sono.

Por isso, agora, revela-nos a nós mesmos, diz-nos tudo o que te foi murmurado sobre o que está entre o nascimento e a morte.

E ele respondeu:

Povo de Orphalese, do que posso eu falar senão daquilo que neste mesmo momento se move nas vossas almas?

Ler e meditar nas palavras  
de *O Profeta* é fazer  
uma viagem à raiz  
da nossa existência.

«Al-Mustafá, o escolhido e o amado, esperou 12 anos na cidade de Orphalese pelo seu navio, no qual haveria de regressar à ilha onde nascera.

*O mar, que a si chama todas as coisas, chama-me...  
e eu devo embarcar.*

*De boa vontade levaria comigo tudo o que aqui existe.  
Mas como poderei fazê-lo?*

E os anciãos da cidade adiantaram-se e disseram:

*Não vás ainda de entre nós.*

*Pedimos que, antes de nos deixares, nos fales  
e dêes a tua verdade.»*

Publicado pela primeira vez em 1923 e reeditado inúmeras vezes por todo o mundo, *O Profeta* é uma das obras mais inspiradoras da literatura espiritual, tendo já vendido dezenas de milhões de exemplares. Pela voz do profeta Al-Mustafá, o autor fala das questões centrais da existência humana, como o amor, a liberdade, a religião ou a morte. O segredo do seu sucesso está na linguagem poética simples, mas profunda e inspiradora, que esta nova tradução preserva, oferecendo um autêntico mergulho na sabedoria inata de cada ser humano.

  
o curso da sua vida

20|20 editora

ISBN 978-989-8873-05-7



9 789898 873057

Espiritualidades